

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

MARIA EDUARDA GAMA FERREIRA DE LIMA (MAYA ESTRELA)

A COLISÃO COM O VIDRO:

Branquitude e a formação de uma arte-educadora no curso de licenciatura em Teatro da
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia

2023

MARIA EDUARDA GAMA FERREIRA DE LIMA (MAYA ESTRELA)

A COLISÃO COM O VIDRO:

Branquitude e a formação de uma arte-educadora no curso de licenciatura em Teatro da
Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de
Artes da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Teatro

Área de concentração: Artes/Teatro

Orientadora: Mariene Hundertmarck Perobelli

Uberlândia

2023

MARIA EDUARDA GAMA FERREIRA DE LIMA (MAYA ESTRELA)

A COLISÃO COM O VIDRO:

Branquitude e a formação de uma arte-educadora no curso de licenciatura em Teatro da
Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de
Artes da Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Teatro

Área de concentração: Artes/Teatro

Uberlândia, 2023

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Mariene Hundertmarck Perobelli (Orientadora)

Prof. Dr. Wellington Menegaz de Paula – IARTE

Profª. Dra. Paulina Maria Caon – IARTE

Dedico este trabalho a minha criança e minha adolescente. Elas foram teimosas como eu jamais fui.

AGRADECIMENTOS

É óbvio que inicio falando de mim, esse ser humano complexo e leal a si. Que honra quem foi, quem é e quem vai ser. Agradeço a minha criança por ser tão criativa, amorosa, inteligente e forte. Agradeço a minha adolescente disruptiva, corajosa, original e aberta ao mundo. Gostaria de pegar vocês duas no colo e dizer que eu amo ser a continuidade de vocês e que em nenhum momento duvidei da capacidade das duas. Eu sou por quê vocês foram e se eu do futuro estiver lendo isso, saiba que hoje também me é consciente que minhas ações são para você. A minha presente jovem adulta saiba que estou cada vez mais orgulhosa das coisas que temos feito, você é extraordinária e eu te agradeço por cuidar tão bem de mim.

Dito isso quero falar da minha mãe, Cleópatra Tenório Gama, minha ancestral viva e que faço questão de agradecer não só por ter me gerado mas por ter me dado tantas tecnologias de sobrevivência. Minha mãe foi a pessoa que mais discordou desse curso que agora concluo e hoje a que mais me apoia. Com ela aprendi a ser uma pessoa auto suficiente e justa por mim e pelos outros. Aprendi também a sustentar as decisões que eu tomo, ser forte e corajosa e a tentar mesmo que o não eu já tenha. Também gostaria de pegar minha mãe no colo e fazê-la descansar, acho que um dia isso vai ser possível. Eu te amo mainha, nossos caminhos foram traçados na maternidade.

Aos meus irmãos Lucas e Malu, que tenho amor inexorável, saibam que o maior desafio que enfrentei ao longo desses 5 anos foi ficar longe de vocês.

Agradeço à minha voinha, Vitória Régia, que não está presente em vida mas está presente em mim e no meu compromisso com o trabalho. Meu marido é meu emprego e isso aprendi com a senhora. Te amarei sempre.

Ao Bruno Oliveira/Emiadê por ser meu leal companheiro. O percurso da graduação foi mais bonito e leve porque você esteve nele. Amo e acredito em cada parte sua. Obrigado por dividir a vida comigo, eu amo você.

Agradeço ao Yuri Leite e Mateus Navarro, por formarem minha família universitária, nunca vou me esquecer de vocês.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Mariene Perobelli, por ser sensível e cuidadosa com as demandas que apresentei. Obrigado por não ter desistido de mim e ter me visitado em sonhos quando o físico não se fez possível.

Ao Edu Silva por ter sido um orientador da vida na arte, pelos risos, gritos e conversas que nunca tinham fim.

Agradeço à Alice Aleixo e Pedro Solirian por me ensinarem tanto sobre amor.

Agradeço ao Matt pelo amor e parceria com minha adolescente.

Agradeço ao Vitinho por ser o melhor Troy para minha Gabriella.

Agradeço à J.S.T. Eu disse que iria te citar aqui. Obrigado pelos meus primeiros livros de teoria.

Agradeço aos meus colegas de curso que habitam o 3M, assim como os professores e técnicos que compõem esse corpo coletivo que é o Curso de Teatro na UFU.

Agradeço as praias de Maceió, Rio de Janeiro, Santos e São Vicente por me acalmarem durante essa maré turbulenta que foi minha formação.

Agradeço ao frio de Palência.

E agradeço Uberlândia por ter abraçado, à sua maneira, essa maceioense que vos fala.

“[...]Me dá um pedaço do seu amor? Só um pedaço mesmo
Não te quero inteira não, nem te quero toda, nem demais
Só aquele pedaço tosco, lascado, quebrado, fodido, moído
Caído no chão, joelho ralado, doído
O pior pedaço não, nem o mais desimportante
Que isso ia ser te pedir o melhor do avesso
Mas de melhor num quero nada
Até porque eu não tenho nada muito bom pra dar
Então me dá, se quiser, um pedaço do seu coração
Um espaço, uma brecha, uma fenda, um vão, um caco
Um caco de alguma vez que ele foi quebrado
Mas que cê nem lembra mais direito como, quando
Por quem mesmo?
É esse que eu quero
Dá pra mim esse caquinho, essa lasca, essa ruína meio gasta
Mas não velha demais que a gente possa dizer arqueologia
Nem nova demais a ponto de não ser quinquilharia
Esse caco que você jamais pensaria
Que alguém quereria pra uma coisa qualquer
Ou que valesse um poema sequer, esse retalho eu quero
Pra juntar com qualquer retalho do meu coração remendado
Embaixo de um dia besta de sol
Só colocar um do lado do outro, assim
Paradinho embaixo do sol do meio-dia
Pra deixar ainda mais banal
O zênite da mediocridade cotidiana
Do sol no meio do céu, embaixo do dia
E depois sentar pra observar como tudo, tudo mesmo
Qualquer coisa brilha sob o sol
Até um caco tosco de vidro coronário meio arranhado
Que nem a maré das lascas do meu coração
O dicionário vai chamar essa coisa pouca
Boba, pequena, comum, banal, simples, tola de amor
Os satélites, os drones, a NASA, lá do alto
Vão ver essa coisa brilhar
Fragmentos do que a gente é buscando rejunte
E até as retinas que olharem
Vão quase se manchar desse brilho fosco também
Mas de tão brilho que vai ser esse sol
Esses cacos, esse encontro, a calçada suja onde os cacos deita
A plantinha nascendo no craquelado, o concreto, a rotina
O gosto de sal do suor escorrendo pela testa
O dia quase vai deixar de ser igual por um instante ou quase
E partilhar um segundo fundo assim
É quase se dar inteira pra alguém hoje em dia
Do jeito que as coisas andam tão quebradas, né?”
(Tatiana Nascimento, Poema Quase, 2018)

RESUMO

Esse trabalho é um memorial a partir das discussões a respeito das relações raciais, com foco na raça branca e seu comportamento social, que transversalizaram minha formação docente. Tive como objetivo sintetizar a minha experiência de vida com as interferências da branquitude no processo para tornar-me arte-educadora. O trabalho também é orientado através da analogia da autora Edith Piza que compara a descoberta de um indivíduo branco sobre sua própria raça a uma colisão contra uma porta de vidro. Pensando em tornar mais acessível e entendendo como potência a comunicação oral, o formato de Podcast foi escolhido para dar vida ao desenvolvimento da pesquisa. Considero, finalmente, que a prática docente é artesanal e por isso não existem modelos únicos para se desfazer dos aspectos que a branquitude implementou dentro do sistema educacional. Enquanto refletia, durante a graduação, sobre pedagogia e branquitude, criei o perfil de educadora que almejo ser.

Palavras-chave: branquitude; arte-educação; podcast.

ABSTRACT

This work is a memorial from the discussions about race relations, focusing on the white race and its social behavior, which transversalized my teaching training. I aimed to synthesize my life experience with the interference of whiteness in the process of becoming an art educator. The work is also oriented through the analogy of the author Edith Piza who compares the discovery of a white individual about his own race to a collision against a glass door. Thinking about making it more accessible and understanding how potent oral communication is, the Podcast format was chosen to give life to the development of the research. Finally, I consider that teaching practice is artisanal and that is why there are no single models to get rid of the aspects that whiteness has implemented within the educational system. While reflecting, during graduation, on pedagogy and whiteness, I created the educator profile that I aspire to be.

Keywords: whiteness; art education; podcast.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 BRANQUITUDE	11
1.2 BRANQUITUDE E ARTE-EDUCAÇÃO	13
1.4 AÇÕES	16
1.5 MEMÓRIAS E ORALIDADE	16
2. PODCAST “A COLISÃO COM O VIDRO”	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
4. REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

No dia 26 de Outubro de 2018 em uma oficina do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia, eu descobri que era uma pessoa branca. Calma! Eu sabia, falando de cor, que minha pele era branca. Mas nesse dia eu tomei consciência de algo mais complexo do que a tonalidade de minha pele. Eu descobri que tinha raça. Não o bastante, descobri que minha raça possuía privilégios em detrimento da subordinação de outras raças. *“Quando se trata da idéia do significado da branquitude, prepondera o pensamento de que o branco não possui raça ou etnia. O branco não se encaixaria nos grupos, muitas vezes, denominados como minoria racial, étnica ou nacional”* (Cardoso, 2008, pp. 173-198).

Na época lembro de ter pensando na minha mãe, ela sempre me ensinou a respeitar as diferenças, respeitar as pessoas independente de cor, dizia que todos éramos iguais. Bom, eu estava no segundo período do curso de licenciatura em Teatro, 17 anos, e sempre fui muito questionadora. No primeiro momento me fiz duas perguntas: “como poderia eu estar envolvida com isso?” e “todas as coisas que eu tinha conquistado através da minha suposta inteligência e mérito teriam sido uma mentira?”. Sem resposta me perdi em mais um turbilhão de perguntas executadas pela minha mente ansiosa.

A autora Edith Piza (2003) escreveu uma analogia comparando o despertar de um indivíduo branco sobre sua própria raça ao forte impacto de uma colisão contra uma porta de vidro aparentemente inexistente. Essa colisão marca o fim da invisibilidade branca sobre os próprios privilégios, mas também pode significar o início da neutralidade, ou seja, de um posicionamento omissivo frente aos mesmos. Naquela sexta-feira, não existiu a possibilidade de ser neutra, eu saí daquela sala olhando pro mundo e para mim de uma maneira diferente. Desde então minha experiência enquanto universitária e aspirante a arte-educadora foi atravessada por reflexões acerca de minha raça e seus impactos.

1.1 BRANQUITUDE

A palavra Branquitude, assim como seu conceito, foi difundida através de uma vertente de pesquisa chamada *critical whiteness studies*. Maria Aparecida Silva Bento (2002), Frantz Fanon (1963), Ruth Frankenberg (1993), Lourenço de Cardoso (2010), Audauto Garcia de Jesus Junior

(2003) foram alguns dos muitos pesquisadores que contribuíram para a temática e através deles iniciei os estudos sobre minha raça. Aos 17 anos eu acreditava saber de tudo, imagine só descobrir que existia um termo que eu não só não conhecia como também dizia sobre meu comportamento em sociedade. Fiquei obcecada. Não que aos 17 anos eu devesse saber de tudo, mas os movimentos sociais normalmente chegam com a adolescência e a vontade de transformar o mundo. Na minha escola eu era conhecida como “a garota revolucionária”. Iniciei meus estudos sobre gênero e classe cedo e tinha como disciplinas favoritas: história, filosofia e sociologia. Aos 14 anos, um caso de estupro noticiado na televisão mexeu comigo e comecei a consumir autoras feministas, participar de palestras e ir em manifestações mesmo contra a vontade de minha mãe, na época militar. Tenho uma hipótese sobre por quê a branquitude não chegou aos meus ouvidos por volta de 2015. Relações de poder são complexas, mas se olharmos superficialmente temos quem tem o poder e quem sofre subordinação através da ausência desse poder. São inúmeros artigos sobre a relação “opressor/oprimido” inserida dentro de aspectos de gênero e classe social. Quando Karl Marx e Friedrich Engels escrevem em seu Manifesto Comunista (1847) que “*O Governo do Estado moderno não é se não um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa*” eles localizam a burguesia como opressora, e o proletariado como oprimido. No livro *O Segundo Sexo* (1949), Simone de Beauvoir posiciona homens como opressores e mulheres sendo oprimidas, “*A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.*” A grande divergência entre esse conflitos de opressão com as relações de raça e etnia, é que não se identifica o opressor e sim o oposto, a balança pende para estudos unicamente dos oprimidos, como um problema intrínseco de quem sofre o racismo de maneira indireta ou direta. De forma que a condição de quem sofre racismo nasce e morre com esse mesmo indivíduo violentado. Usando o conflito de gênero como exemplo, imagine se só existissem estudos sobre “feminicídio, estupro e violência doméstica” sem nunca citar o patriarcado, o machismo e a misóginia.

No Brasil temos uma grande quantidade de negros e indígenas que dizem ter sofrido racismo, mas uma quantidade mínima de brancos que afirmam ter praticado racismo. A conta não fecha. Para uma pessoa sofrer racismo se faz necessário uma estrutura de privilégios, entendendo que se um grupo tem uma vivência inundada por apagamento histórico-cultural, depreciação religiosa e uma enorme dívida social, outro grupo se beneficia com isso. Eu não sabia que branquitude existia porque minha raça era invisível até para mim.

Em suma, a branquitude procura se resguardar numa pretensa idéia de invisibilidade, ao agir assim, ser branco é considerado como padrão normativo único. O branco enquanto indivíduo ou grupo concebido como único padrão sinônimo de ser humano ideal é indubitavelmente uma das características marcantes da branquitude em nossa sociedade e em outras (Rachleff, 2004, p. 109; McLaren, 2000, p. 263; Roediger, 2000, p. 1-17). (CARDOSO, Lourenço, 2010)

Não se tem muitos estudos sobre a raça branca pois se você arrancar a raiz da planta, ela não nasce mais e é por isso que dentro dessa estrutura não se camufla, se invisibiliza. Pessoas invisíveis não são responsabilizadas pelo o que geram, pelo contrário, se beneficiam com privilégios que também se tornam invisíveis para não serem identificados.

Quando falamos sobre branquitude, logo associamos ao racismo, apropriação cultural estética, agressões verbais e assassinatos. Apesar da pertinência dos temas, os holofotes ficam voltados à vítima enquanto o agressor assim como seus objetivos passam invisíveis. Além disso, os casos que ocupam as manchetes que lucram com o sofrimento de negros e indígenas no Brasil, representam uma parcela das consequências da movimentação branca em busca de uma única coisa: preservar seus privilégios. Ruth Frankenberg define: a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (Frankenberg, 1999b, pp. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90). Se o branco se arma da invisibilidade, de não ter raça nem etnia, logo não é identificado como algoz das transformações em busca da unilateralidade de discursos.

A outra hipótese é que desvelar a branquitude é expor privilégios simbólicos e materiais que os brancos obtêm em uma estrutura racista; e, assim, os estudos sobre brancos indicam que o ideal de igualdade racial em que os brasileiros são socializados opera para manter e legitimar as desigualdades raciais. (Schucman, L. V., 2014, 26(1), 83-94)

1.2 BRANQUITUDE E ARTE-EDUCAÇÃO

Tudo bem, já entendemos o que é branquitude, mas o que ela tem a ver com a arte-educação? Vem comigo! Em um país de multiplicidade étnica-racial como o Brasil, a ausência de estudos sobre as relações do branco com o mundo, reafirmam a imagem de um ser humano branco padrão, com cultura e tradições brancas tratadas como universais e referenciais. Essa justificativa, utilizada para a colonização, alteração e apagamento de culturas, é refletida em todos os espaços sociais já ocupados por pessoas brancas. Com a arte não tem como ser diferente. As academias têm o hábito de negligenciar o fazer artístico advindo de fontes não brancas, ou se apropriam e apagam a referência, ou alteram sem a preocupação de preservar o

primórdio. Quantos artistas brancos lucraram com movimentos artísticos que tinham suas originalidades na cultura negra e/ou de povos indígenas?

A partir de agora considero tudo blues
 O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
 O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues
 Tudo que quando era preto era do demônio
 E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues
 É isso, entenda
 Jesus é blues

(Baco Exu do Blues, 2018)

Eu trabalho, desde 2018, como produtora cultural do espetáculo PRETUmE, escrito e atuado pelo ator, atualmente também discente da UFU, Emiadê. A dramaturgia desse trabalho aborda a mitologia Iorubá de maneira não linear e tem como pano de fundo o tráfico humano no período da escravidão. O espetáculo é de gênero contemporâneo e musical e em nenhum momento tem estética panfletária. O espetáculo tem duas pessoas negras em cena. Um ator e um percussionista. Nesses 4 anos e meio de produção escutei muitas devolutivas do público branco e dos clientes. Uma professora branca de outro instituto nos mandou mensagem online para dizer que o espetáculo era (palavras dela) muito primitivo por conta da dança e movimentos do corpo do ator. A maior parte dos convites para trabalho chegam no mês de novembro, próximo ao dia da consciência negra, quando as escolas e instituições precisam de alguma ação afirmativa. São incontáveis as tragédias gregas, os jogos e livros que consumi que foram inspirados na mitologia grega. Em nenhum momento esses trabalhos foram categorizados como Arte da Grécia ou Arte Primitiva. Recepionei espetáculos sobre conflitos entre casais brancos ou a jornada de um herói branco e nunca foi necessário um festival de teatro branco para que eu tivesse contato com esse tipo de trabalho.

A arte possui suas histórias, vertentes e técnicas, mas existe uma excessiva predominância eurocêntrica, fantasiada de "História Geral da Arte" que apaga e/ou deslegitima outros berços artísticos. O branco é universal, o outro é folclórico, temático, popular. Sendo assim, os estudantes concluem o curso de licenciatura em Teatro e reproduzem essa universalidade na Educação Básica, gerando um ciclo de apagamento. Cintia Cardoso em sua pesquisa sobre branquitude na educação infantil levantou esse pontos para uma possível direção:

1) a branquitude pode ser considerada uma barreira para tornar o contexto educativo um espaço de igualdade; 2) a falta de entendimento de professoras brancas acerca das relações étnico-raciais incide na dinâmica e organização das práticas e a branquitude se

torna a referência destas experiências; 3) o pensamento racial hegemônico do branco como padrão é orientador das práticas cotidianas no contexto da educação infantil; 4) o branco como referência nas imagens lançadas nos espaços da instituição produzem discursos de alusão aos ideais de branquitude; (CARDOSO, 2018, 27)

A arte-educação na Educação Básica já é menosprezada com uma carga horária inferior às demais disciplinas, então compreende-se que a aplicação da lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afrobrasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio, não vai ser eficaz. Além disso, os livros didáticos utilizados em sala de aula e a permanência do currículo atual dos cursos de Teatro corrobora para manutenção dos privilégios brancos, gerando educadores com práticas e abordagens conceituais racistas. A formação do educador é gerada a partir dos conceitos compreendidos através da universidade, se em sua formação seus professores fazem manutenção do apagamento de referências compatíveis com a ideia mais ampla de cultura brasileira, como o profissional vai lidar com as crianças e adolescentes brasileiros?

Para a realização das análises, faz-se necessário compreender as instituições escolares (universidades, escolas públicas e privadas, unidades escolares em espaços de privação de liberdade) e todas as culturas escolares (Júlia, 2001) como espaço de reprodução de determinadas estruturas sociais permeadas por valores brancos, europeus, cristãos, ocidentais e colonialistas, incidentes sobre toda cultura escolar, seja no currículo, no livro didático ou na seleção de conteúdos a serem trabalhos, inclusive nos momentos de estágio. (ANDRADE, M. P, 2018, 242)

No Teatro duas coisas são imprescindíveis: a pessoa que atua e a pessoa que assiste. Compreendemos então que os profissionais dessa arte trabalham com corpos em relação. Cada corpo é individual e traz consigo suas experiências que por sua vez tem ligação direta com raça, gênero, classe social, orientação sexual e regionalidade. Contudo, os cursos de Teatro das Universidades Federais permanecem com referências históricas, artísticas, teóricas e práticas em sua maioria ocidentais, especificamente europeias. Essa relação se torna desrespeitosa.

O Ensino da Arte no Brasil, desde seu início oficial, é vermelho, azul e branco. O sistema brasileiro de ensino da Arte tem seguido sucessivamente os modelos francês, inglês e norte-americano, quase sempre por imposição do próprio governo. O ensino superior de Arte foi sistematizado antes do seu ensino primário e secundário sob a influência da França, apesar de o país ter sido colonizado por Portugal, que cerceou o desenvolvimento cultural e até proibiu o Brasil de ter imprensa por 300 anos. (BARBOSA, A. M., 2016, 674)

Esse trabalho se justifica diante da escassez de trabalhos que investiguem a presença da branquitude na formação de professores no Brasil, especialmente no tocante à formação de Arte-Educadores. O trabalho tem como base a lei Nº 12.287, de 13 de Julho de 2010, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e as leis 10.639 e 11.645 que torna

obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e indígena.

Tendo como pano de fundo a discussão sobre branquitude, a formação cultural no Brasil e a analogia da porta de vidro, o objeto de pesquisa deste trabalho se ancora no curso de Teatro da UFU e o relato da minha experiência enquanto discente. A fim de, a partir das minhas memórias e experiências descritas, identificar as interferências da branquitude na formação de arte-educadores, auxiliando na manutenção dos privilégios brancos por meio da prevalência dos conteúdos curriculares que desprivilegiam outros acervos culturais importantes para a composição cultural brasileira.

1.3 PIBIC

Anterior a esse trabalho foi realizado uma pesquisa através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, intitulada “Branquitude e arte-educação: Um olhar para o currículos do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia” e orientada pela Prof^a Dr^a Cintia Camargo Vianna. Na pesquisa em questão consegui olhar para os Planos Políticos Pedagógicos do curso de Licenciatura em Teatro da UFU e fazer uma curadoria extensa de referências sobre o tema branquitude de maneira geral. Esse momento foi importante para me dar base teórica já que a formação para professores de Teatro não engloba a temática. O Grupo de estudos e pesquisa em Poéticas Afrolatinoamericanas e Educação para as Relações Étnico Raciais (GEPLAFRO) também me deu suporte.

1.4 AÇÕES

Meu trabalho de conclusão de curso foi dividido em três principais ações:

1. Leitura e fichamento de artigos acadêmicos, dissertações de mestrados e livros que abordem os temas: arte-educação, branquitude e relações étnico-raciais;
2. Leitura dos relatos das memórias pedagógicas dos anos de 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022;
3. Gravação e edição do Podcast e finalização da escrita;

1.5 MEMÓRIAS E ORALIDADE

Esse memorial é uma tentativa de sintetizar a minha experiência com as interferências da branquitude no processo para tornar-me arte-educadora. Não sei se é meio óbvio por ser um

memorial, mas talvez eu deva te avisar que, em grande parte dos registros descritos aqui, utilizei como referência a minha memória. Em uma sessão de terapia, lembro que levei uma discussão que tive com minha mãe para analisar. A discussão em questão foi gerada porque eu lembrava de algo totalmente diferente do que minha mãe lembrava, sobre um conflito antigo em que as duas ficaram magoadas. A minha psicóloga me respondeu que era comum as dúvidas sobre a certeza das memórias. Ela completou dizendo que o que guardamos de um momento na memória não foi de fato o que aconteceu e sim como nos sentimos na situação. Mesmo que eu quisesse muito, era impossível dizer quem de nós duas estava certa. O que quero dizer é que por esse ser o meu memorial, me cabe partilhar minhas sensações, inseguranças, frustrações, dúvidas e certa subjetividade dessa memória. Concluímos, eu e você, que não posso te dar certeza absoluta dos fatos. Pois esse não é um relatório que descreve de maneira objetiva a graduação. Porém posso te confirmar que se houve sentimento, foi real, pelo menos pra mim.

2. PODCAST “A COLISÃO COM O VIDRO”

Desde que me entendo por gente tenho facilidade de me comunicar oralmente. Quando eu falo me sinto no melhor lugar do mundo. No melhor lugar do mundo que Gilberto Gil cita em sua composição “Aqui e agora”. É na oralidade que transmito meus pensamentos com tom, volume e articulação de todo corpo para desaguar no ar. Minha voz carrega consigo a minha história. Para esse trabalho de conclusão de curso escolhi, com ajuda da minha orientadora que valorizou minha potência, o formato de podcast para compartilhamento de minhas memórias conjuntas que transversalizam minhas reflexões sobre minha raça. *“O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem.”* (HAMPATÉ BÂ, 2010)



Esse Podcast foi dividido da seguinte maneira:

Título do episódio	Pauta
Prelúdio	Introdução sobre quem sou eu, o Trabalho de Conclusão de Curso e o objetivo do Podcast.
Poema “Quase” de Tatiana Nascimento	Leitura dramática do Poema “Quase” da autora Tatiana Nascimento.

Massayó	Contextualização da cidade em que nasci e vivi e breve introdução sobre o conceito de Branquitude.
Residencial Costa Norte	Memórias da minha infância e adolescência, minha inclinação para as artes, privilégio branco e branquitude invisível.
UFU - Bloco 3M	Memórias da graduação, a colisão com o vidro, pandemia e branquitude na universidade.
Considerações finais	Considerações finais do trabalho e possíveis caminhos para mim e para a pessoa ouvinte.
Agradecimentos	Agradecimentos às pessoas e lugares que me auxiliaram a concluir esse trabalho.

Intitulei o Podcast como “A Colisão com o vidro” pois quando li o artigo “BRANQUITUDE INVISÍVEL - PESSOAS BRANCAS E A NÃO PERCEPÇÃO DOS PRIVILÉGIOS: VERDADE OU HIPOCRISIA?” do autor Jorge Hilton de Assis Miranda, descobri a analogia da autora Edith Piza que me caiu como uma luva. Ter descoberto minha raça e todo o sistema de poder que ela envolve, doeu muito. Ao mesmo tempo parecia óbvio que aquilo sempre estivesse ali. Como se eu só não tivesse seguido naquela direção a ponto de saber da existência dessa porta. Agora te peço que pegue os fones de ouvido ou aumente o som do seu dispositivo para disfrutar do podcast.

Clique em um dos links seguintes para acessar o podcast!

Plataforma	Link	QR Code (aponte a câmera do seu celular)
Anchor (gratuita)	https://anchor.fm/maya-estrela	
Spotify	https://open.spotify.com/show/12VPMqbDqE9AliZoLdAveA	

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu gostaria de ter realizado esse trabalho de muitas formas, essa foi a que conseguiu vir ao mundo e estou satisfeita com ela. Depois que saí da infância, materializar as minhas ideias virou uma dificuldade. Eu convivo com dois transtornos de humor (depressão maior e ansiedade generalizada) e a urgência desse problema me pressionou a querer fazer algo completo e perfeito. O que logicamente fracassei. Aprendi a ver beleza no processo e nas artesanias das comunicações. Estou ainda em processo e o fracasso apesar de me assustar não pode me

paralisar mais. Acho que consegui sintetizar, de alguma maneira, os meus pensamentos e reflexões sobre a importância de inserir as relações raciais e o estudo sobre o indivíduo branco em nossas pesquisas docentes. Olhar para o mundo como uma criança curiosa, problematizando e descobrindo tecnologias, epistemologias e coisas que ainda nem se tem nome. Olhar pro mundo como uma adolescente disruptiva que quebra com tradições violentas que nunca fizeram sentido.

Ainda falando de olhar, para mim o olhar do educador tem que ser sensível para as humanidades e se o arte-educador não for esse profissional, eu não sei quem vai ser. A arte por si só não tem a única função de entreter e ser bela. Então o ensino de arte por sua vez também não vai cumprir apenas esses papéis. Não consegui te trazer soluções aqui. Eu sou uma pessoa. Infelizmente também não consigo te dizer, de maneira sistemática, como você vai conseguir ter práticas decoloniais, anti racistas, muito menos como você vai conseguir se desfazer dos aspectos que a branquitude implementou dentro do sistema educacional. Foram 500 anos para esse sistema ser estruturado e eu não consigo, sozinha em um TCC, te dizer a resposta que soluciona esse problema. Mas acredito que, se você colidiu com o vidro e quiser agir, vai encontrar uma maneira artesanal que funcione para você, para a sua sala de aula. Aqui estou falando especificamente sobre educação de artes, porém não é nenhuma pretensão minha afirmar que você pode e deve importar essas reflexões para qualquer outra área educacional e até profissional que você se debruce. Enquanto professores, somos nós que acompanhamos grande parte da vida de vários seres humanos e se formos negligentes vamos continuar contribuindo para esse sistema narcisista que só privilegia um tipo de indivíduo. Leve em consideração que somos agentes transformadores da história. Eu não consigo transformar o que já foi feito, contudo, no papel de uma pessoa viva no mundo, enxergo na profissão professor a potência dessas transformações. Numa escola um docente tem contato com dezenas de estudantes, que por sua vez impactam na vida de dezenas de outras pessoas. Reforço que não acredito que essas escolhas sejam unicamente individuais. Se em algum momento isso transpareceu, saiba que eu não compactuo com isso. Por isso afirmo que sozinha não consigo mudar, mas na tessitura das relações respeitadas encontro um alívio, um respiro. O trabalho é de formiga, dolorido e parece solitário, apesar de ser coletivo. Para esses incômodos chegarem em mim, vários coletivos tiveram que trabalhar. E se isso está chegando em você agora, seja minha orientadora, banca ou leitor curioso, é por quê me juntei a alguns coletivos e me movimentei.

Do lado daqui esse trabalho me foi uma pulsão de vida. O entendimento de que preciso

estar em constante movimento, pois se paro viro represa e não deságuo. Trago seca pra quem está ao meu redor. Minhas primeiras práticas como docente e próximas pesquisas terão influência da consciência dos problemas da branquitude, assim como meus trabalhos artísticos, performances, espetáculos e até minhas relações afetivas já tem.

Espero que do lado daí essa pulsão também deságue em ações efetivas. Não quero que você sinta culpa, muito menos que finja que esse é só mais um dos problemas do mundo contemporâneo e que você não consegue dar conta de tudo. É artesanal e você sabe o que você pode fazer dentro do seu espaço de influência. As ideias vão se multiplicar e em algum momento as coisas vão começar a ser minimamente justas. No fim, esse trabalho é sobre justiça. Não é sobre procurar um culpado, nem pagar dívidas. É do meu desejo de, enquanto professora, ser justa para com meus alunos e fazer a manutenção do sistema da branquitude não colabora para isso.

4. REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, E. N. da C. MACEIÓ: UMA CIDADE SETECENTISTA E OITOCENTISTA. **Jamaxi**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/2210>> Acesso em: 14 nov. 2022.

MARCHIONI, Alessandra. Comunidade da Vila dos pescadores do Jaraguá, Maceió/AL e a (in)efetividade do direito internacional (“Direito à moradia adequada”).

Revista Eletrônica do Mestrado em Direito da UFAL, v. 7, n.1, 2016

COSTA, Waldson; RODRIGUES, Cau. Pretos e pardos são maioria da população com menor renda em Alagoas, aponta IBGE. **G1 Alagoas**. Alagoas. 2019. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2019/11/13/pretos-e-pardos-sao-maioria-da-populacao-com-menor-renda-em-alagoas-aponta-ibge.ghtml>> Acesso em 14 nov. 2022.

BÂ, Amadou Hampatê et al. **A tradição viva. História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.

BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. São Paulo. Gravadora: EAEO Records ano. 2018. Suporte (02:53)

BRASIL. **Lei nº 12.287**, de 13 de julho de 2010. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, no tocante ao ensino da arte.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112287.htm>. Acesso em 15 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.

Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em 15 nov. 2022.

CARDOSO, Lourenço; MÜLLER, Tânia M. P. **Branquitude: Estudos sobre a Identidade Branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010. Disponível em: <http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1980.

FRANKENBERG, Ruth. **White Women, Race Matters**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1995.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 307-338

LABORNE, A. A. P. “Branquitude, Colonialismo e Poder: A Produção do Conhecimento Acadêmico no Contexto Brasileiro ” In: MULLER, Tania M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. “Branquitude Invisível – Pessoas Brancas e a não Percepção dos Privilégios: Verdade ou Hipocrisia? ” In: MULLER, Tania M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

SILVA, P. E. “O CONCEITO DE BRANQUITUDE: REFLEXÕES PARA O CAMPO DE ESTUDO” In: MULLER, Tania M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

BARBOSA, A. M. Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 19–39, 2016. DOI: 10.5216/rp.v27i2.44693. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/44693>>. Acesso em: 15 nov. 2023.